

ADOLESCÊNCIA NORMAL

Tamara Santos de Souza

(fonte: <http://psicologiaereflexao.wordpress.com/>)

Arminda Aberastury foi pioneira no estudo da psicanálise de crianças e adolescentes na América Latina. A autora dedicou grande parte do seu trabalho ao aprofundamento da problemática da adolescência. Para ela, “a adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento. Esse processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, a dentição, a linguagem, a posição de pé e a marcha; o terceiro momento aparece na adolescência” (1990, p. 15).

Além das mudanças corporais que marcam esse período, a autora destaca as mudanças psicológicas, ambas levando a uma nova relação do adolescente com os pais e com o mundo. Essa etapa é marcada por três tipos de luto: do corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.

Apresento a seguir algumas das principais características comuns da adolescência retiradas do livro *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*, de Arminda Aberastury e Maurício Knobel.

Busca de si mesmo e da identidade

Segundo Aberastury e Knobel, a adolescência não deve ser vista apenas como uma passagem para a vida adulta. A criança entra na adolescência com muitos conflitos e incertezas e precisa sair dela com sua maturidade estabilizada, com caráter e personalidades adultos. “A consequência final da adolescência seria um conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento de vida” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 30).

Não podemos falar da adolescência sem mencionar as mudanças corporais que ocorrem nesse período e a percepção que o indivíduo tem desse “novo” corpo. O esquema corporal é definido como a representação mental que o sujeito tem do próprio corpo, como consequência das suas experiências em contínua evolução. Nesse sentido, é de fundamental importância a forma como é elaborado o luto pelo corpo da infância, pois haverá uma modificação desse esquema corporal e do conhecimento que o indivíduo tem do próprio corpo, a partir dessas mudanças.

O grupo de amigos, a família e a sociedade em geral têm um papel muito importante nesse processo de formação da identidade, porque é a partir das concepções que os outros têm dele que o adolescente vai formando seu autoconceito. Concomitantemente a essa percepção, o adolescente vai formando o sentimento de identidade, numa verdadeira experiência de autoconhecimento.

Nessa busca pela identidade, o adolescente muitas vezes prefere o caminho mais fácil, fazendo identificações maciças com o grupo. Em outras situações, ele opta por uma “identidade negativa”, já que para ele, “é preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 32).

Além disso, devido às rápidas mudanças corporais que ocorrem nesse período, surge um sentimento de estranhamento em relação ao próprio corpo. O tipo de relação que estabeleceu com os pais na infância desempenha papel fundamental diante dessas mudanças. Quando a relação tiver sido boa, ela permitirá uma melhor elaboração dessas mudanças tão difíceis para o adolescente.

Segundo Aberastury e Knobel, “a busca incessante de saber qual a identidade adulta que se vai constituir é angustiante, e as forças necessárias para superar esses microlutos e os lutos ainda maiores da vida diária obtêm-se das primeiras figuras introjetadas, que formam a base do ego e do superego desse mundo interno do ser” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 35).

Tendência grupal

Outra característica bastante marcante da adolescência é a tendência grupal. Na busca pela identidade, os adolescentes se juntam em busca de uniformidade, que traz certa segurança e estima pessoal. Nesse processo, há uma identificação em massa, em que todos se identificam com cada um.

Segundo Aberastury e Knobel, em alguns casos esse processo é tão intenso que a separação do grupo se torna algo impossível. O adolescente se sente mais pertencente ao grupo de coletâneos do que ao grupo familiar. “Em outro nível, as atuações do grupo e dos seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 37).

Nesse sentido, se transfere para o grupo grande parte da dependência que antes era da família, principalmente dos pais. “O grupo constitui, assim, a transição necessária

no mundo externo para alcançar a individualidade adulta” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 37). Depois de passar por essa experiência grupal, aí sim o indivíduo poderá se distanciar da turma e assumir sua identidade adulta.

A necessidade de intelectualizar e fantasiar

Segundo Aberastury e Knobel, “a necessidade de intelectualizar e fantasiar acontece como uma das formas típicas de pensamento do adolescente” (1989, p. 38). Ele recorre ao pensamento como uma forma de compensar as perdas que ocorrem dentro de si e que ele não pode controlar, como a perda do corpo infantil, dos pais da infância e da bissexualidade que acompanha a identidade infantil. Nesse sentido, a intelectualização e a fantasia servem como mecanismos de defesa diante de todas essas mudanças.

As crises religiosas

Em relação à religião, o que se pode observar é que o adolescente tende a adotar posições extremas: pode se manifestar como um ateu exacerbado ou como um místico muito fervoroso. Entre essas duas posições, apresentam-se mudanças frequentes, oscilando entre uma e outra.

Aberastury e Knobel afirmam que essas oscilações são “tentativas de soluções da angústia que vive o ego na sua busca de identificações positivas e do confronto com o fenômeno da morte definitiva de uma parte do seu ego corporal. Além disso, começa a enfrentar a separação definitiva dos pais e a aceitação da possível morte deles” (1989, p. 40).

Muitas vezes, acreditar na divindade da religião pode representar uma saída mágica. Por outro lado, quando as situações de frustração forem muito intensas, refugiar-se em uma atitude excessivamente ateuísta pode representar uma atitude compensadora e defensiva.

A deslocalização temporal

Segundo Aberastury e Knobel, o adolescente vive certa deslocalização temporal, convertendo o tempo em presente e ativo, numa tentativa de manejá-lo. Para o adolescente, tudo é urgente e as postergações são aparentemente irracionais.

O adolescente apresenta dificuldade de diferenciar o que é externo do que é interno, como também de distinguir presente, passado e futuro. Para Aberastury e Knobel, essa negação do tempo funciona como uma defesa. “Quando se nega a passagem do tempo, pode-se conservar a criança dentro do adolescente como um objeto morto-vivo” (1989, p. 43).

Os autores fazem ainda uma relação dessa negação com o sentimento de solidão típico dos adolescentes. “Esses momentos de solidão costumam ser necessários para que fora possa ficar o tempo passado, o futuro e o presente, convertidos assim em objetos manejáveis” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 43). Segundo eles, essa capacidade de ficar só é um sinal de maturidade que só é atingido após essas experiências de solidão, que se mostram adolescentes na adolescência.

Enquanto prevalece a deslocalização temporal, o tempo para o adolescente é baseado apenas nas suas necessidades, como comer, dormir, defecar, urinar, estudar etc. Esse é o chamado tempo vivencial ou experimental. Mas, à medida que vão se elaborando os lutos da adolescência, a dimensão temporal vai adquirindo outras características. Surge então a conceituação do tempo, ou seja, o adolescente é capaz de discriminar passado, presente e futuro. Isso pode ser visto, por exemplo, quando o sujeito se refere ao passado dizendo “quando eu era pequeno”, ou ao futuro: “quando eu for grande”.

Aberastury e Knobel consideram que essa discriminação temporal é uma das tarefas mais importantes da adolescência, juntamente com a elaboração dos lutos típicos desse período. “Poder conceituar o tempo, vivenciá-lo como nexos de união, é o essencial, subjacente à integração da identidade” (1989, p. 44).

A evolução sexual desde o autoerotismo até a heterossexualidade

Nesse processo de evolução sexual do autoerotismo até a heterossexualidade, observa-se uma oscilação permanente entre a atividade de caráter masturbatório e o começo do exercício genital. Nessa fase do desenvolvimento, o contato genital tem caráter mais exploratório e preparatório do que uma verdadeira genitalidade procriativa,

que vai acontecer somente na vida adulta, com a capacidade de assumir o papel paternal.

Segundo Aberastury e Knobel, desde criança existe a fantasia de penetrar (no caso do menino) e de ser penetrada (no caso da menina). Para eles, “são então as fantasias de penetrar ou de ser penetrado o modelo de vínculo que vai se manter durante toda a vida posterior do sujeito, como expressão do masculino e do feminino. Para isso, as figuras da mãe e do pai são fundamentais e essenciais. A ausência ou déficit da figura do pai determinará a fixação na mãe e, conseqüentemente, vai ser a origem da homossexualidade, tanto do homem quanto da mulher” (1989, p. 46).

A forma como os pais lidam com a genitalidade da criança influenciará de maneira determinante a evolução genital do sujeito. Aberastury e Knobel afirmam que é normal aparecerem momentos de predomínio de aspectos femininos no rapaz e masculinos na moça. “É preciso ter sempre presente o conceito de bissexualidade e aceitar que a posição heterossexual adulta exige um processo de flutuações e aprendizagem de ambos os papéis” (1989, p. 48). Nesse sentido, os autores defendem que é normal que o adolescente experimente relações homossexuais temporárias, o que não significa que ele seja homossexual.

Atitude social reivindicatória

Em relação a essa característica da adolescência, Aberastury e Knobel destacam o papel não só da família mas também da sociedade, que, segundo eles, torna tudo praticamente impossível para o adolescente.

“A sociedade, mesmo manejada de diferentes maneiras e com diferentes critérios socioeconômicos, impõe restrições à vida do adolescente. O adolescente, com a sua força, com a sua atividade, com a força reestruturadora de sua personalidade, tenta modificar a sociedade, que, por outra parte, está vivendo constantemente modificações intensas” (1989, p. 53).

Para os autores, o adulto projeta no adolescente a sua incapacidade de controlar o que está acontecendo ao seu redor e tenta então diminuir, deslocalizar o adolescente. Muitas vezes o adolescente tem poucas possibilidades, como, por exemplo, no mercado de trabalho, e se vê obrigado a se adaptar, atendendo às necessidades que o mundo adulto impõe. Em alguns casos, a saída que o adolescente encontra diante de tantas dificuldades é o crime e a delinquência.

Para Aberastury e Knobel, “na medida em que o adolescente não encontre o caminho adequado para a sua expressão vital e para a aceitação de uma possibilidade de realização, não poderá jamais ser um adulto satisfeito” (1989, p. 54).

Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta

Outra característica marcante do período da adolescência é a contradição. Segundo Aberastury e Knobel, “a conduta do adolescente está dominada pela ação, que constitui o modo de expressão mais típico nesses momentos de vida, em que até o pensamento precisa tornar-se ação para poder ser controlado. O adolescente não pode manter uma linha de conduta rígida, permanente e absoluta, ainda que muitas vezes o pretenda ou procure” (1989, p. 55).

Além disso, predomina a contradição entre uma dependência e uma independência extremas. Segundo Aberastury e Knobel (1989), somente mais tarde, com a maturidade, o indivíduo poderá aceitar ser independente dentro de um limite necessário de dependência. Enquanto isso não acontece, prevalece a contradição, a ambivalência, a dor e as fricções com o meio familiar e social.

É importante ressaltar que essas contradições são normais dessa fase do desenvolvimento. Para Aberastury e Knobel, elas funcionam como defesas que facilitam a elaboração dos lutos desse período e que caracterizam a identidade adolescente.

Separação progressiva dos pais

Como já mencionado, um dos lutos da adolescência é o luto pelos pais da infância. Levando isso em consideração, uma das tarefas do adolescente é ir se separando dos pais.

No entanto, ao contrário do que se pode pensar, não são só os filhos que se angustiam com essa separação. Assim como o adolescente, a família também enfrenta o luto. Aberastury e Knobel comentam que “não só o adolescente padece esse longo processo, mas também os pais têm dificuldades de aceitar o crescimento como consequência do sentimento de rejeição que experimentam frente à genitalidade e à livre manifestação da personalidade que surge dela. Essa incompreensão e rejeição se encontram muitas vezes mascaradas debaixo da concessão de uma excessiva liberdade, que o adolescente vive como abandono, e que o é na realidade” (1989, p. 14).

O que determina como se dará essa separação dos pais é o tipo de relação que se estabeleceu com eles na infância. A internalização de boas figuras parentais, com papéis bem definidos, proporcionará uma boa separação dos pais, facilitando a passagem da adolescência para a maturidade (Aberastury e Knobel, 1989).

Por outro lado, figuras parentais não muito estáveis e sem papéis definidos podem ser vistas pelo adolescente como sem valor e obrigá-lo a procurar identificações com outras personalidades, muitas vezes de forma compensatória e idealizada. Essas figuras podem ser ídolos de diferentes tipos: esportivos, musicais, cinematográficos etc. Em alguns casos, a identificação pode ser tão forte que assume caráter patológico, fazendo com que o adolescente comece a viver os papéis que atribui às figuras com que se identificou (Aberastury e Knobel, 1989).

Constantes flutuações do humor e do estado de ânimo

É importante salientar que as constantes mudanças de humor são características normais da adolescência e fazem parte do processo de luto enfrentado nessa idade. No entanto, “a quantidade e a qualidade da elaboração dos lutos da adolescência determinarão a maior ou a menor intensidade dessa expressão e desses sentimentos” (Aberastury e Knobel, 1989, p. 58).

Referências

- ABERASTURY, A. e cols. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.